

CIDADE E VIDA BOÊMIA: UM PASSEIO PELOS “MAUS COSTUMES” DE CAMPINA GRANDE

Antonio Clarindo Barbosa de Souza¹

Uma noite qualquer dos anos 50. Um par de dançarinos se prepara para começar a bailar. Quando soam os primeiros acordes do tango *Mano a mano*, “ele beija a mão dela e, num gesto viril, enlaça o seu corpo esbelto, iniciando os primeiros passos. Passos precisos, mas leves, mal tocando o bem cuidado assoalho. A platéia em verdadeiro êxtase. O bailarino tem as faces pálidas. Ela, os lábios de beijo, os olhos de desejo”.

O tango, “uma página tecida de paixão e de ternura”, descreve histórias escritas com lágrimas e sangue. Ele e ela “são um só compasso, um só gesto, uma só harmonia”, deslizam pelo salão, como se nada mais houvesse no mundo. “O público, com receio de prejudicar aquele momento de tanta emoção, susta os aplausos no ar”. O clima se torna tenso e a densa névoa formada pela fumaça dos cigarros pode ser cortada com um punhal. Os dançarinos se preparam para realizar o quase impossível “passo do beija-flor”. Ninguém presente acredita que eles consigam, mas, de repente...

Num gesto rápido, mas elegante, ele dobra o corpo magro e joga Esmeralda para cima. Esmeralda, a filha de Espanha, flutua leve, solta, ágil, enquanto seus lábios beijam a rosa vermelha retirada previamente da lapela, para em seguida, pousar o corpo moreno na perna do Príncipe do Tango.

Toda a tensão se dissipa e o “cabaré agora, é um mundo que enlouqueceu. Palmas, assovios, mesas viradas, o público atropelando-se na ânsia de cumprimentar os dançarinos. Moacir e Esmeralda rindo, de mãos dadas, bem no meio do dancing, tentam agradecer e não conseguem. Ele é carregado nos braços da multidão. O cabaré a gritar como uma só boca: Príncipe! Príncipe! Nos olhos negros de Esmeralda, lágrimas mal contidas, que ela procura amparar no chale, a esconder-lhe os seios agressivos...”²

A cena anteriormente descrita, ocorreu no Cabaré de “Chico Tamancão”, situado na rua Manoel Pereira de Araújo, na zona de prostituição campinense conhecida como Manchúria. As imagens construídas pelo cronista, apesar de muito belas, nos informam apenas sobre uma das possibilidades que alguns campinenses possuíam de se divertir.

¹ O autor é professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande e autor da tese de doutorado intitulada: *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*; UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História.

² Esta descrição foi inspirada na crônica “Moacir Tié, o príncipe do tango” de Francisco Maria Filho – publicada em seu livro *Crônicas*, João Pessoa; s/e; 1978;p.107-118. O texto, embora não esteja datado, é seguramente posterior a 1945, pois o autor fala do fim da 2ª Guerra e também posterior a 1951, pois o tango *Mano a Mano* foi lançado naquele ano.

Além dos lazeres praticados nos clubes, cinemas e auditórios de rádio da cidade entre os anos de 1930 e 1960 e, normalmente vistos por todos como atividades aceitáveis, existia em Campina Grande daquela época um conjunto de outras diversões, notadamente populares, que enchiam as noites e dias de folga dos campinenses e congregavam uma quantidade enorme de pessoas que se distanciavam muito dos padrões tidos como “desejáveis” para caracterizar os “bons cidadãos e bons trabalhadores”.

Desde o final dos anos 20, a cidade experimentara um grande desenvolvimento econômico, o que atraía para ela pessoas das mais diferentes regiões do Estado e mesmo do país. Vários depoimentos de pessoas que chegaram à Campina Grande, entre os anos 20 e 30, dão conta de que apesar da cidade ainda ser pequena, já ia se constituindo num bom lugar para se viver.

As memórias construídas sobre a cidade daquela época não variam muito, sejam elas de uma dama da noite: “naquela época (1920) a cidade era pequenininha, com uma fraca iluminação que mais pareciam tochinhas de luz, aqui e acolá, mas uma cidade boa de se morar”. Ou de uma senhora da sociedade, esposa de um fazendeiro, comerciante e banqueiro que, alguns anos depois, se tornaria prefeito da cidade: “Campina, naquele tempo (1923), era uma cidade muito atrasada, pequena, tudo era precário e muito deficitário. Água, nem se falava. A salvação mesmo era o Açude Velho e também o Lozeiro. Enfim, um povoado, mas já despontando para o desenvolvimento.”³

Entre os anos de 1937 e 1945, a cidade assistiu um avanço no processo de modernização do centro urbano com a demolição de vários prédios promovida pelo “Prefeito Raff” Vergniaud Wanderley, que pretendia dar um ar mais moderno a mesma, substituindo os velhos casarões de estilo neo-colonial por modernos edifícios em art-décô, com dois ou mais pavimentos.

Como marco simbólico desta transformação, a primeira casa a ir ao chão foi a de Demóstenes Barbosa, comerciante de couros, peles e algodão, que ficava na esquina da rua Getúlio Vargas, onde hoje está o prédio dos Correios e Telégrafos. O antigo prédio dos Correios também era alvo das reivindicações dos articulistas dos jornais que solicitavam constantemente à Prefeitura a derrubada do mesmo, pois, segundo eles, havia muito tempo que aquele edifício “afeiava” (sic) a atual Praça da Bandeira. Alguns intelectuais e membros das elites queriam a todo custo se livrar das marcas de um passado que eles julgavam tradicional e se inserir no mundo da modernidade arquitetônica.

Muitas outras casas das ruas Venâncio Neiva, Maciel Pinheiro e Cardoso Vieira pertencentes a várias famílias ricas foram retiradas do centro para dar lugar ao novo modelo de cidade.⁴ Contudo, as modificações arquitetônicas parecem não ter sido seguidas de perto por mudanças nos costumes das pessoas e os lugares recém construídos

³ Entrevistas com D. Severina Carmen de Souza – NINA (prostituta que freqüentou o Eldorado) e D. Ana de Assis Cabral (D. Anita Cabral, esposa do pref. Severino Cabral) in: Ronaldo Dinoá – Memórias de Campina Grande; s/e; 1993; vol.2 – p.566 e 177, respectivamente.

⁴ Sobre as transformações urbanas sofridas por Campina Grande entre os anos de 1937 e 1945 ver Fabio Gutemberg R.B de Sousa – *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande (1920-1945)*; Doutorado em História; Campinas-SP; Unicamp, 2001.

continuaram a ser freqüentados pelas mesmas pessoas com seus mesmos modos de ser e agir.

Apesar da operação cirúrgica que sofreu o centro da cidade nos anos 30 e 40, a mesma chegou aos anos 50 e 60 causando a alguns visitantes a impressão de que não havia progredido tanto quanto queriam seus intelectuais e políticos.

Quando, em 1964, a cidade completou cem anos, os visitantes ainda se deparavam com grandes contrastes. A área central era pequena, os prédios apresentavam aspecto de abandono, as ruas um trânsito caótico e agressivo. As belas casas existentes (principalmente no Centro Novo e no bairro da Prata) davam a sensação de estar numa cidade em progresso; mas os edifícios, que começavam a buscar as nuvens, contrastavam com o aspecto dos transeuntes. Chegava-se à conclusão de que algumas pessoas realmente estavam progredindo, algumas indústrias se desenvolvendo, mas dissociadas completamente da cidade como um todo.⁵

Apesar deste descompasso, o desenvolvimento econômico ou comercial baseado nas transações com o algodão propiciou, entre as décadas de 40 e 60, o surgimento de uma espécie de roteiro étlico-gastronômico e luxuriante para os que pudessem freqüentá-lo. Como a cidade recebia visitas comerciais e turísticas de vários pontos do país havia a necessidade de uma gama de locais de alimentação e diversão bastante variada, pois alimentar o corpo e excitar os outros sentidos eram duas das principais atividades dos campinenses e de seus visitantes.

A maioria dos homens que vinha a Campina Grande negociar com o algodão durante o dia, ansiava também pela possibilidade de, à noite, se encaminharem para certas áreas da cidade onde existissem bebidas, músicas, danças, jogos e mulheres.

No caso de Campina Grande a área, geralmente conhecida como “zona de meretrício”, mudou algumas vezes de local se deslocando pelo centro da cidade com o passar dos anos. Em um primeiro momento funcionou mais fixamente na rua “singelamente” intitulada de Rói Couro (antiga 4 de Outubro e atual Jovino do Ó). Com as reformas do centro da cidade a “zona” foi saindo da área residencial e se transferindo aos poucos para as proximidades da Feira Central ou bairro da Manchúria. Entre as ruas mais movimentadas estava a Manoel Pereira de Araújo, que congregava os melhores “cabarés da cidade”, ficando imediatamente conhecida como “Rua Boa”. Algumas memórias construídas em torno daquela rua a descrevem como sendo “um esplendoroso mercado de luxúrias, que sobrevivia graças a um tipo de comércio confiscado pelas leis divinas, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos humanos.”⁶

⁵ *CAMPINA GRANDE – Um Centro Comercial do Nordeste*; op.cit. p.23 A citação acima dá exatamente a dimensão de nossa tese central. A cidade progredia em alguns aspectos, mas a mentalidade e os costumes do povo não acompanhavam, embora alguns letrados locais quisessem fazer crer que o desenvolvimento e progresso atingiam a todos de maneira uniforme. Este relatório, apesar de ter uma postura salvacionista de tentar resolver os problemas sociais com medidas tidas como científicas, é importante porque denuncia, através de seu discurso, as más condições de certos setores, lugares e pessoas na cidade.

⁶ Ronaldo Dinoá – op.cit. p. 551-552 – Vol.1

A prostituição na área da feira foi uma atividade foi muito intensa e lucrativa entre o final dos anos 30 até meados dos anos 40. Contudo, após a 2ª Guerra Mundial com a saída de alguns contingentes militares que estavam sediados na cidade, aquela área entrou em decadência e as “pensões de mulheres” se transferiram, em parte, para a região conhecida como “Boninas”, onde pontificaram nos anos 50 e 60, prolongando suas atividades até os anos 70, mas sem o mesmo “encanto” ou “glamour” que lhe era atribuído nos anos anteriores.

A Manoel Pereira de Araújo e suas adjacências foi sem dúvida um dos locais mais freqüentado por prostitutas⁷, populares, desocupados de todos os tipos e boêmios de classe média e alta. No auge da produção algodoeira ali existiam as melhores pensões de “mulher-dama” de Campina Grande, como a *Pensão Moderna*, de Zefa Tributino, que havia transferido sua pensão da rua do “Rói Couro”, para a “rua das Panelas”, próximo à Vila Nova da Rainha, “devido ao desenvolvimento do negócio e da grande afluência de clientes e funcionárias.”⁸

Além da *Pensão Moderna*, na mesma rua, foi construído o *Cassino Eldorado*, que era uma casa de espetáculos, jogos e danças, mas também de lenocínio, que marcou época naquela rua. O *Eldorado* ficava situado no centro da rua dos Currais, a quinhentos metros mais abaixo da *Pensão Moderna*, e a sua inauguração acabou por ofuscar bastante a vida noturna das outras pensões ali instaladas.

Se o intercâmbio de mulheres já era notável quando existiam somente as pequenas pensões, com o novo cassino esta atividade tornou-se cada vez mais intensa. Mulheres vinham do Recife só para trabalhar alguns dias no Eldorado, levando consigo algum dinheiro e o orgulho de ter pertencido ao quadro de “funcionárias” do mais importante Cassino do Norte e Nordeste.

O *Cassino Eldorado* despertava os sonhos da juventude que ficava sabendo, por ouvir falar, da exibição de artistas, cantores, dançarinos, músicos e, principalmente, das lindas e divinizadas mulheres que desfilavam por seus salões com deslumbrantes vestidos inspirados na última moda parisiense.

Os jovens imberbes dos anos 30 e 40, que não tinham permissão nem dinheiro para freqüentar aquele tipo de estabelecimento, podiam pelo menos sonhar com suas mulheres, como o faziam também com as musas que o cinema criava e divulgava na mesma época. Um daqueles jovens, alguns anos depois, escreveu um poema em que se perguntava:

Onde estão as mulheres graciosas

e de rara beleza como fadas

⁷No decorrer de nosso trabalho encontramos na documentação pelo menos 38 sinônimos para a palavra prostituta. Procuraremos usar, sempre que possível, um deles para substituir o termo, numa forma de demonstrar como era importante para os jornalistas e agentes da polícia e da justiça nomear aquelas mulheres.

⁸ Entrevista com D. Josepha Barbosa de Lima – Zefa Tributino. In: Ronaldo Dinoá – op.cit.p. 551-556; vol.1.

que ao som do jazz dançavam perfumadas,

como lindas estrelas luminosas?...

Oh céus! As borboletas, onde estão

que alegraram o jardim de nossa vida?

As ilusões passaram e esquecida

a imagem ficou no coração.⁹

Apesar dos jovens sem recursos e dos trabalhadores braçais sonharem ou idealizarem o *Eldorado*, aquele ambiente era quase exclusivamente dos adultos ou mais precisamente dos homens que tinham dinheiro para gastar. Havia temporadas que não restavam mesas, estando todas reservadas, principalmente por políticos e grandes empresários exportadores de algodão.

A era do Jazz que revolucionou os Estados Unidos nas décadas de 20 e 30, teve os seus reflexos na vida noturna campinense. O Cassino era tão intensamente freqüentado que era comum aos sábados chegarem carros com placas de João Pessoa, Recife, Natal e outras cidades, lotados de boêmios que vinham assistir shows no famoso cassino.

A nova casa de espetáculos foi o ponto de convergência de todos os que, em maior ou menor proporção, mantinham relações mercantis e amorosas com Campina Grande.¹⁰ Além dos homens vindos de vários lugares, as moças que praticavam a mais antiga profissão do mundo também vinham de várias cidades do interior da Paraíba e mesmo de outros estados e países, como Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

O comércio que se praticava naquela rua não era apenas de um produto material ou uma mercadoria qualquer como o algodão, mas sim de sexo, amores, carinhos, sonhos, desejos e expectativas que, às vezes, se transformavam em decepções e desencontros amorosos.

O *Eldorado* e seus congêneres da “Rua Boa”, com suas mulheres e habitués, poderia até parecer à primeira vista apenas um antro de prostituição e jogatina como pretendiam alguns moralistas. Contudo, além dos jogos como bacarat, campista, ronda ou lasquinê, espladim, pôquer e o suave e envolvente girar da roleta de trinta e seis, havia também música e dança, que propiciavam emprego a inúmeros músicos de Campina Grande e até de outros estados. Várias orquestras se apresentaram. Estes conjuntos, além de tocarem sambas e marchinhas, se especializaram em jazz, fox-trote, tangos, rumbas e

⁹ Antonio Pereira de Moraes – *Vi, Ouvi e Senti – Crônica da Vida Campinense e outras narrativas*; Campina Grande; 1985;p.55.

¹⁰ Ronaldo Dinoá – op.cit.p.565.

boleros, ouvidos através das poucas rádio-difusoras instaladas na cidade e repetidas, à exaustão, pelos músicos para o deleite dos dançarinos.¹¹

Ao som daquelas orquestras e “jazz band” os melhores dançarinos de tango se exibiam. Ali podiam ser encontrados Moacir Tié, “Príncipe Mário” e Zito Napy. Às vezes dançando, outras vezes já saindo, deixando o *Eldorado* após uma noite de dança e sexo, exalando uma mistura de suor e perfume francês de mulheres como Neide, Toinha Moreno, Nenen, Lourdinha Futebol, Chiquinha Dantas, Chiquinha Moreno, Maria José, Licor, Mercedes, Zezé, Lourdinha Moreno, Maria Luiza, Didi, Maroquinha, Nana, Chiquinha 18, Balalaika, Nina, Safira, Isaurinha, Ana, Zezé Garcia, Maria Garrafada e Zezé Loura, uma das mais requisitadas do local. Estas e muitas outras mulheres ficaram registradas na memória da pele dos corpos masculinos que freqüentaram os cabarés da Manchúria e adjacências, entre os anos 30 e 50.

No ápice de seu sucesso, entre 1937 e 1941, o *Eldorado* como o maior e melhor cabaré da área, era dotado de um potente gerador, pois a luz elétrica era pública e movida por um pequeno gerador que encerrava suas atividades muito cedo para os padrões da boêmia local; possuía em seu interior quartos de cinco por seis metros quadrados, com cama, guarda-roupa e toalete, um show-room com espaço para 36 dançarinos e exibição de artistas, além, é claro, de um palco para a apresentação das orquestras brasileiras, latinas e até russas. Os garçons, alguns contratados no Recife, serviam às 40 mesas com quatro assentos cada uma e que ficavam dispostas nas laterais do dancing.

Naqueles anos de esplendor, a influência francesa ditava os padrões culturais do falar, do vestir, do divertir-se e da forma correta de freqüentar um lugar. Assim, a “madame” era a dona ou “fada-madrinha” do cabaré; ser “chic” era andar na moda parisiense, portando um “soirré” longo e vistoso, se possível em “voil” (tecido leve e transparente), que muitas senhoras da alta sociedade campinense, às vezes, nem sonhavam ter. Tomar “champagne” em taças longas e usar luvas que subiam até o meio do braço era a maior “finesse”.

Durante a semana, o traje exigido para os homens era paletó e gravata e nos finais de semana era a rigor. Todo mundo elegante para tornar o ambiente “sadio e bom”. O comércio de algodão, que estava no auge, ajudava o *Eldorado* a ser uma das melhores casas noturnas do Brasil. Nele só entrava quem estivesse “nos conformes” e passasse pelo crivo do porteiro, conhecido como “Chapéu”.¹²

Nas memórias daqueles que freqüentaram o cassino na época, há uma certa glamourização das mulheres que trabalhavam lá. Segundo estas memórias, as “funcionárias”, além de muito arrumadas, eram muito disciplinadas. Não diziam “nome feio” e nem discutiam umas com as outras. Pelo menos não em público. Quando terminavam as noitadas, por volta das duas da manhã, iam dormir, só acordando às 11 horas do dia seguinte. Só em situações muito especiais é que os bailes iam até de manhã;

¹¹ Entrevista com D. Josepha Barbosa de Lima – Zefa Tributino. In: Ronaldo Dinoá – op.cit.p. 555; vol.1.

¹² Entrevistas com D. Severina Carmen de Souza – Nina e D. Josepha Barbosa de Lima (Zefa Tributino). In: Ronaldo Dinoá – op.cit.p. 567 e 555, respectivamente.

como nas festas dedicadas “ao início da safra de algodão quando o salão era decorado com flocos e fios de algodão.”¹³

No domingo havia matinê que começava às três horas da tarde. Os freqüentadores eram principalmente os rapazes mais jovens que não podiam competir com os “medalhães”, grandes proprietários de prensas e exportadores de algodão. Os “bigodetes”, como eram conhecidos, se conformavam com as tardes de domingo, às quais tentavam prolongar ao máximo, só saindo do Cassino por volta das vinte horas.

Muitos destes, por não ter dinheiro, tentavam cair nas graças de alguma das mulheres que ali trabalhavam ou mesmo passar-lhes um “xexo”, ou seja, sair sem pagar pelo ato sexual. Na maioria das vezes, a segurança do Cassino as protegia ou elas apelavam para os seus amantes mais fortes ou que desfrutassem de algum tipo de poder na cidade. Segundo depoimentos de duas mulheres que trabalharam no Cassino Eldorado e na Pensão Moderna: “Naquele tempo não tinha essa história de calote não. Todo mundo pagava bem.” “O ato sexual custava dois mil réis. Dava pra fazer uma feira e ainda sobrava.”¹⁴

Aquele mundo da Manoel Pereira de Araújo falava outro idioma. As palavras e gestos ganhavam outros sentidos. As mulheres costumavam dizer que estavam “gostando” de algum “gigolô” ou “bigodete”. “Gostar”, naquela época, era amar ou entregar-se sexualmente e de forma contínua ao mesmo homem, que era sintomaticamente chamado de “meu home” ou ainda “meu macho”, quando alguma delas sentia a necessidade de demarcar seu território diante de alguma outra aventureira mais abusada.

Apesar de toda a “glamourização” que os memorialistas empregam em suas crônicas e memórias para descrever os “tempos áureos” da prostituição em Campina Grande, aquela região de cabarés, cassinos e bares conheceu também inúmeras cenas de ciúme, sangue e morte, pois nem sempre a vida das mulheres que ali viviam era tão glamourosa como a das atrizes de cinema hollywoodiano que lhes serviam de modelo. Às vezes, as paixões e as carências afetivas e materiais levavam os indivíduos a cometer verdadeiros “desatinos”, marcando suas vidas para sempre.¹⁵

Na noite de 22 de fevereiro de 1946, por exemplo, o capitão José Praxedes dos Santos, natural de Sergipe e servindo no 31º Batalhão de Engenharia e Serviços do Exército, que era amigo da “mulher da vida livre” Hilda Magalhães dos Santos, de 23 anos foi, a convite desta, aos seus aposentos na “*Pensão Estrela*”, de Carminha Vilar, para conversar, pois embora se gostassem, naquele momento não estavam se dando bem. Hilda já estava “desvestida para se deitar, estando somente de calça e califon”. Entre eles surgiu uma discussão porque apesar de Hilda querer reatar a “amizade” com o capitão, este não queria mais ter qualquer “amizade material” com ela. Como o capitão insistisse em não

¹³ Antonio Pereira de Moraes – op.cit.p.52.

¹⁴ Entrevistas com D. Severina Carmen de Souza – Nina e D. Josepha Barbosa de Lima (Zefa Tributino). In: Ronaldo Dinoá – op.cit.p. 570 e 556, respectivamente.

¹⁵ Sobre a Manchúria (ou Mandchúria como se grafava na época) e os crimes cometidos ali ver Fabio Gutemberg R.B de Sousa – op.cit.198-226, que descreve a freqüência das elites e dos populares àquela área.

mais querer voltar, Hilda “lançou mão de um pouco de álcool e jogou em cima de Praxedes.”¹⁶ Amplas partes do corpo do militar foram queimadas.

Em seu depoimento à polícia, Hilda afirmou que ainda tentou ajudá-lo, lançando mão de uma toalha grande de banho com a qual procurou apagar o fogo. Depois correu assombrada, usando apenas as vestes de baixo, passando semi-nua pelo salão da Pensão e gritando por Madame Carminha. Ao chegar à rua tomou um carro que se encontrava na porta da pensão e deu algumas voltas pelas ruas da cidade, voltando poucas horas depois, ocasião em que foi presa e conduzida à delegacia pelo Sub-Tenente André Severino Urtigas.

Segundo os depoimentos prestados na central de polícia o acesso de fúria de Hilda poderia ter ocorrido apenas porque ela “estava apaixonada pelo Capitão ou com alguma roedeira” ou então porque ela era “uma mulher muito errada, que em João Pessoa já havia cometido muitos abusos e vivia sendo detida por absurdos que cometia aonde residia”. Todavia, o que causou o desatino foi o fato de que no dia do crime, o Capitão Praxedes, em conversa com a proprietária da pensão onde residia Hilda, lhe fez ver que a partir do dia seguinte não se responsabilizaria mais pela “pensão da acusada”. Depois disto, Hilda o convidou para ir ao seu quarto e ateou-lhe fogo ao corpo.

Às vezes, tensões entre os amantes ocorriam exatamente por questões de sobrevivência, pois a perda de um protetor como o capitão Praxedes poderia trazer sérios transtornos para Hilda e também para a dona da pensão. Naqueles ambientes, os assuntos financeiros se mesclavam com questões do coração.

Hilda foi condenada por seu crime a pena de quatro anos de reclusão a serem cumpridos no Presídio da Capital. No dia 09 de maio de 1946, o advogado da ré desistiu do seu caso “por ela não se interessar pela sua própria defesa”. Talvez Hilda soubesse o quanto a Justiça era morosa para rever um processo e como era rápida para condenar os populares que cometiam algum crime nos lugares tidos como proibidos ou de má fama. Em geral, os membros das elites cometiam o mesmo tipo de crime, mas conseguiam escapar do braço longo da lei, usando dos mais variados recursos legais.

Do dia em que ocorreu o crime, 22 de fevereiro de 1946, até o julgamento e condenação de Hilda, em 30 de abril do mesmo ano, transcorreram pouco mais de dois meses. Um recurso poderia demorar até dois anos. Talvez sabedora destes detalhes e acostumada a resolver “seus problemas sozinha”, Hilda ludibriou o guarda da carceragem e na madrugada do dia 15 para 16 de maio de 1946 fugiu da cadeia, em companhia de Pedro

¹⁶ Do depoimento de Hilda Magalhães Paiva, na Ação Criminal nº 2459 – Maço 24.01 a 02.04.1946, em que a ré é acusada de lesão corporal grave. Os depoimentos que se seguem são do Capitão José Praxedes dos Santos; Francisca Araújo Bastos (Chiquinha Morena); Helena Dantas; do Sub-tenente da Força Policial, André Severino Urtigas e de Carminha Vilar. Neste primeiro depoimento de Hilda, ainda na Delegacia, ela tenta provar que tentou ajudar o capitão, mas todas os outros testemunhos desmentem esta versão, afirmando que ela o deixou sozinho no quarto.

Alves de Lima, vulgo Pedrão. Estava de novo nas ruas, para desespero de certos oficiais do Exército.¹⁷

Casos como o de Hilda e do Capitão Praxedes eram bastante comuns na zona de meretrício, onde se misturavam trabalho, sexo, amor, paixão, ciúmes, desavenças e mortes. Embora o *Eldorado* tenha sido o “templo” sagrado da alta boêmia campinense, ele só passou a ser freqüentado pelo homem comum quando a decadência chegou àquela área da cidade, rebaixando os preços dos serviços sexuais. Durante o auge do Cassino, os trabalhadores e cabeceiros da feira precisavam descer mais alguns passos para poder chegar a uma pensão, cabaré ou bordel que estivesse à altura dos seus poucos recursos.

Na área mais pobre da rua Manoel Pereira de Araújo, existiam cabarés de um “nível mais baixo”, onde quase sempre as bebedeiras noturnas também acabavam em confusão, por causa de jogo, bebida e mulher. Todavia, lá se podia encontrar, por um preço módico, uma daquelas moças que têm o dom de “fazer as vontades; dizer meias verdades, sempre à meia luz.”¹⁸

Segundo o relato de um cronista do jornal *Diário da Borborema*, até os anos 60 existiu, nas proximidades da Manoel Pereira de Araújo, a *Cova da Onça*. Um lugarejo da zona baixa onde se podia apreciar “os trejeitos das infelizes que se tornavam felizes nos bamboleios dos corpos, na tomada da caninha e na baforada do cachimbo pejado de fumo ordinário”.

Assim era caracterizada a zona do “baixo meretrício”, que na época havia decaído muito, tornando-se um local “decrépito e perigoso”. Agora, naquele ‘meio’, era possível reconhecer outros “tipos sem aquele agrado do tempo ido”. Havia novas ‘formalidades’ nas quais se valorizava cada tostão, pois “o decréscimo da moeda fê-las alterar a ‘tabela’ para enfrentarem as necessidades...”

Preferindo não presenciar, viver e descrever aquele momento de decrepitude, o autor tentava levar seus leitores aos tempos áureos daquelas ruas, onde mesmo existindo todas as mazelas descritas, ele acreditava ter sido um lugar “tão cheio de poesia, tão mais sincero e tão menos duvidoso para o equilíbrio da vida...”. O marco no qual se ancorava esta memória prazerosa era o “*Eldorado*”. O prédio, já envelhecido nos anos 60, representava agora o passado de glória de uma profissão ou forma de trabalho inglória, mas que sempre podia ajudar a recordar os “bons tempos”. “E o esqueleto do Eldorado continuava a recordar as diárias e noitadas dos campinenses que ali se divertiam sem

¹⁷ A Ação Criminal nº2964 – Maço 06.01 a 26.07.1946, dá conta desta espetacular fuga de Hilda. Todavia, poucos dias depois ela foi capturada e cumpriu um ano e dois meses da pena de 4 anos que deveria cumprir. Pela resolução do art.87, nº XIX da Constituição de 1946, ela foi indultada de sua sentença, para ser posta em liberdade no dia 25.06.1947, por ordem do Presidente Eurico Gaspar Dutra. A ordem só foi cumprida em 11.08.1947.

¹⁸ “Folhetim” - 1978, de Chico Buarque.

pecados ou exculpações.”¹⁹ Mesmo para as piores recordações há sempre uma busca do tempo perdido.

Aos poucos, a vida boêmia foi se transferindo para a região central conhecida como “Boninas”. Começava a se desenhar uma nova cartografia dos prazeres. Mas esta já é outra história. O importante é perceber como homens e mulheres das mais diferentes categorias sociais sempre encontravam maneiras diferentes de se divertirem e aproveitar os prazeres proibidos que a cidade, dita capital do trabalho, lhes oferecia.

¹⁹ Todas as passagens destacadas nestes seis parágrafos estão numa crônica assinada por “JONOSI” (possivelmente pseudônimo) in: *Diário da Borborema*, Campina Grande, – 02.10.1962 - Coluna: “Ao de leve”.